

# Partidos

## pressionam

### Eanes

*Juarez Bahia*

**Lisboa** — O presidente Ramalho Eanes foi encostado à parede pelos dois maiores Partidos portugueses: o Partido Democrata, cabeça da coligação de centro-direita, no Poder, e o Partido Socialista, na Oposição, que lidera a esquerda democrática. Foi acusado de "interferência indevida na vida política, de ataques à organização pluripartidária e constitucional, e de projetos poucos claros para se perpetuar na Chefia do Estado".

A torrente de queixas dos social-democratas, estes abrindo também a opinião da maioria parlamentar e do Governo, e dos socialistas dirigida contra Eanes, surgiu ontem com duas notas oficiais nas quais o PSD e o PS apontam intuições de conspiração na atitude do Presidente. Há uma semana Eanes disse no interior do país que Portugal e sua democracia correm perigo, sem no entanto indicar claramente as razões.

#### FORÇAS ARMADAS

Os dois Partidos censuram ainda o Chefe do Estado-Maior Geral das Forças Armadas por ter afirmado que seu cargo deve ser de nomeação exclusiva do Presidente da República e não do Governo.

Uma velha indisposição em torno de interpretações legais separa o PSD e o Governo do Presidente Eanes. O controle das Forças Armadas está na raiz do problema. Constitucionalmente, Eanes é o Comandante supremo, mas o Governo quer alterar a Constituição para subordinar o poder militar ao poder civil na figura do Executivo. O dado novo é a posição do Partido socialista, solidário com a centro-direita na crítica a Eanes de querer sobrepor-se aos outros órgãos de soberania (Governo, Parlamento e Judiciário).

Nem os social-democratas nem os socialistas perdoam a Eanes o fato de ter proclamado a intenção de se candidatar em 1990 à Presidência da República, depois de cumpridos dois mandatos e de um intervalo, em 1984, por impedimento legal de concorrer simultaneamente três vezes. Associando a suspeita de Eanes de que a democracia está em perigo, e sua ambição de voltar ao Poder em 1990, Governo e Oposição associam às intenções manifestadas o propósito de bloquear a atividade partidária e erigir um caudilho portuguesa.

Eanes de uma só vez desagradou dois adversários fortes: o PSD e o Governo, de um lado, e o PS de outro. O mais estranho no caso é a atitude dos socialistas, responsáveis pelo respaldo partidário à candidatura de Eanes pela reeleição em dezembro do ano passado. Os social-democratas e os socialistas, embora separados por posições bem claras, concordaram que Eanes é um perigo ao pluripartidarismo, o regime parlamentar e a democracia.

O PSD acha que o Presidente, movimentando-se com demasiada frequência no interior do país, acionando o poder local e convencendo pedagogicamente as populações a exigir o cumprimento das promessas eleitorais feitas pela centro-direita no Poder, constrange o Executivo, ocupa espaços dos parlamentares e ameaça desestabilizar a própria aliança democrática.

Os socialistas rejeitam a tese do Bloco Central, fórmula de Eanes para dar equilíbrio ao poder político em Portugal, dentro do espírito do 25 de abril e com a segurança da continuidade administrativa.

O Bloco Central defendido por Eanes desde a sua campanha à reeleição como Presidente é uma tentativa de unir o centro e a esquerda sem, no entanto, abrigar a ultradireita ou a ultra-esquerda, e nem mesmo o Partido Comunista.

Assim vocacionado, na opinião de Eanes, o Bloco Central teria condições não só de identificar o seu programa ao do Chefe do Estado, como de governar legitimando o sentimento dominante dos portugueses, sem riscos de crises governamentais fatais a qualquer programa administrativo.

Em síntese, para Eanes, a estabilidade do Governo em Portugal só é possível com o Bloco Central. Os social-democratas e os socialistas consideram essa fórmula uma engenhosa trama presidencial, primeiro, para esvaziar a organização partidária como é conhecida, e depois, para conquistar um espaço definitivo na sua intenção de perpetuar-se no poder.

Ambos Partidos ignoram o capítulo do Bloco Central que se reserva o direito de consolidar os ideais da Revolução dos Cravos.

Elegendo Eanes inimigo-mor da organização partidária vigente na democracia portuguesa, os dois maiores Partidos insinuam uma conexão entre o Presidente da República e o Chefe do Estado-Maior Geral das Forças Armadas, General Melo Egídio, para pôr em causa o atual sistema pluripartidário "e criar condições para a emergência de um Partido que não ousa dizer o seu nome".

Tocados pelo mesmo sentimento de sobrevivência, o PSD e o PS acusam Eanes de querer formar o "Partido dos sem-partido e dos anti-partidos, ou dos ex-membros dos atuais Partidos, frente que não exclui figuras do extinto Partido único do regime salazarista-marcellista".